



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Juventude rural e permanência: ruralidades e urbanidades representadas no Extremo Oeste de Santa Catarina

Rodrigo Kummer

kummer2004@yahoo.com.br

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ
Brasil

Resumo: Considerando as metamorfoses pelas quais os espaços rurais brasileiros têm passado no último século – e continuam neste – é premente interpor análises acerca de suas novas feições. O suposto esvaziamento do meio rural, alardeado também como “fim do rural”, melhor pode ser lido como a formação de novas organizações sociais. Verificam-se, no país, novos arranjos no meio rural. São eles os mais diversos, sejam esses capitaneados por movimentos migratórios, pela reforma agrária, tecnificação, agronegócio, agroecologia, pluriatividade, etc. Porém, uma das variáveis muito recorrentes é a que envolve os jovens do meio rural, que oscilam entre a migração e a permanência e se tornam objeto prioritário para pensar a “nova ruralidade brasileira” a partir das representações que tecem em torno da ruralidade e da urbanidade. Historicamente, verificou-se um movimento tendencial de saída de jovens do meio rural para as cidades. Esse processo tem sido robustamente discutido e mapeado. Todavia, na última década, parece que o ritmo dessa saída tem diminuído e o número de jovens que permanece no meio rural tem aumentado. Considerando essa conjuntura, é pertinente questionar os fatores que influenciam esse processo de permanência. A questão central aqui é, portanto, discutir e problematizar por que os jovens rurais do Extremo Oeste de Santa Catarina, a partir da década de 2000, parecem manifestar uma disposição para permanência no campo, contra uma tendência ainda recente de migração. Analisar as representações tecidas em relação a esses cenários e refletir sobre os imaginários e percepções acionadas é uma ferramenta profícua para melhor compreender que ruralidade e que sociedade se está gestando na contemporaneidade. Nesse sentido, lança-se mão de uma abordagem de pesquisa qualitativa, vinculada à coleta de entrevistas e análise discursiva.

Palavras-chave: juventude rural; permanência; representações sociais.

Rural youth and permanence: ruralities and urbanities represented in the Far West of Santa Catarina

Abstract: Considering the metamorphoses that Brazilian rural spaces have gone through in the last century - and continue to go through in this one - it is urgent to interpose analyses regarding their new features. The supposed emptying of the rural environment, also known as the "end of the rural", can best be read as the formation of new social organizations. New arrangements in the country are currently in place. They are most diverse, be they captained by migratory movements, the agrarian reform, technification, agribusiness, agroecology or pluriactivity, among others. However, one of the most recurrent variables is the one involving rural youths, who oscillate between migration and



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

permanence, and become a priority object to think of the "new Brazilian rurality" from the representations that surround rurality and urbanity. Historically, there has been a trend towards the exodus of young people from the countryside to the cities. This process has been robustly discussed and mapped. However, in the last decade, it seems that the pace of this departure has decreased and the number of young people remaining in rural areas has increased. Considering this conjuncture, it is pertinent to question the factors that influence this permanence process. The central issue herein is, therefore, to discuss and problematize why rural young people from the Far West of Santa Catarina, from the 2000s onwards, seem to manifest a willingness to stay in the countryside, against a still recent migration trend. To analyze the representations woven in relation to these scenarios and reflect on the triggered imagery and perceptions is a useful tool to better understand which rurality and society is developing in the contemporary world. In this sense, a qualitative research approach is used, linked to the collection of interviews and a discursive analysis.

Keywords: rural youth; permanence; social representations.

I. Introdução

A pesquisa que subsidia este artigo faz parte de tese de doutorado em curso no âmbito do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA, junto à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. O estudo teve início em 2015 e no momento apreciam-se os primeiros dados de campo coletados.

O tema central dessa discussão são os jovens, em especial a categoria da juventude rural. O fenômeno que interessa a este estudo diz respeito a composição das representações sociais dos jovens que vivem no meio rural sobre a ruralidade e a urbanidade. Essas representações constroem os elementos referenciais para explicar o comportamento de ruptura/migração ou de permanência destes. A permanência de jovens no campo, como objeto de estudo, se justifica pela existência de uma tendência histórica desse grupo à saída, ao êxodo rural. Todavia, mesmo que o movimento populacional de saída seja verificado, a permanência também o é e tem demonstrado crescimento, particularmente nas últimas décadas.

A permanência dos jovens no meio rural se revela importante não por ser um comportamento novo, ou algo extraordinário. É um comportamento comum e bem conhecido. Porém, na atualidade a saída ainda é a ação mais esperada. Se antes a saída era paradoxal e precisava de maiores explicações,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

hoje é a permanência que carece de melhores definições. Essa questão se coloca como uma chave interpretativa das relações sociais estabelecidas nos espaços rurais.

Quando se trata do conjunto de estudos acadêmicos relativos à juventude rural predominam as abordagens sobre as questões do êxodo desses sujeitos. Percebe-se que boa parte das análises que dão conta do entendimento do êxodo partem do pressuposto de uma necessária e automática adequação desses indivíduos à vida urbana. Assim como profetizam a consequente falência do sistema de agricultura familiar e camponesa. Ou, por outro lado, defendem que estes jovens devam permanecer no meio rural, retomando a ideia de “fixar o homem no campo”.

Por seu turno, as análises que abarcam os processos de permanência dos jovens no campo ainda são pouco expressivas. Há um arcabouço de discussão por se construir. O “ficar” em relação ao “sair” não é um fato essencialmente novo de pesquisa, mas é uma realidade social latente por explicações. É uma necessidade para compreender a real dimensão do rural brasileiro que está constituído e, prioritariamente, por se constituir. Sem problematizar as demandas e as dinâmicas desses atores sociais perde-se uma grande oportunidade de fomentar uma lacuna estratégica e proeminente: nossa segurança alimentar, ambiental e social.

Esta pesquisa se baseia na conjuntura do tempo presente, embora busque referenciais analíticos no processo de colonização da região Extremo Oeste de Santa Catarina e nos processos de sucessão da agricultura familiar. O recorte se situa entre a década de 1970 – quando o êxodo rural inicia uma escalada significativa por conta da modernização agrícola e o ano de 2010 – momento em que se pode verificar o arrefecimento da migração juvenil por meio dos dados censitários.

Ressalta-se que a região em questão foi palco de embates sociais pelo domínio do território resultando na supremacia de um projeto colonizador que subjugou e exterminou populações originárias, como povos indígenas (*Kaingang*, *Guarani* e *Xokleng*) e os caboclos. A partir da década de 1920 a ocupação oficial das terras fomentou uma prática de agricultura familiar e camponesa, baseada na autossuficiência e que posteriormente tornou-se comercial. Os colonos, em geral migrantes teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros vindos do Estado do Rio Grande do Sul reproduziam no Oeste e Extremo Oeste catarinense um modo de vida ligado à busca pela terra.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

As áreas de colonização no Rio Grande do Sul verificavam-se saturadas e a sucessão familiar ficava ameaçada. A migração, portanto, servia à recondução ao processo de obtenção de terra e redistribuição aos filhos homens. O *modus operandi* dos colonos compunha-se em aumentar, sempre que possível, a área explorada e aumentar o patrimônio familiar. A busca pela riqueza era considerada uma demonstração de civilidade. Essas famílias buscavam ocupar novas áreas sempre que a família crescia e mantinham em curso um mecanismo de reprodução baseado na migração e abertura de novas frentes agrícolas. Na década de 1970 com a modernização do campo, várias se viram compelidas a abandonar a atividade. Dessa época em diante, com maiores ou menores índices, o êxodo rural foi uma constante, arrefecendo a partir de meados de década de 2000.

No entanto, na última década o problema é manter sucessores nas unidades produtivas. Várias são as famílias que não dispõem de um sucessor tendo em vista que todos os seus filhos migraram. Em muitas localidades o envelhecimento da população é um dado concreto, associado a masculinização. Em geral, quando existem sucessores, estes são rapazes solteiros. Ainda assim, em significavas famílias se inicia um processo de fomento a possíveis sucessores e que envolve também às mulheres, historicamente alijadas dessa condição.

Considerando essas inquietações, a problemática hora em debate trata dos processos de permanência de jovens no meio rural. Historicamente verificou-se um movimento tendencial de saída de jovens do meio rural para às cidades. Esse processo tem sido robustamente discutido e mapeado. Todavia, na última década parece que o ritmo dessa saída tem diminuído e o número de jovens que permanece no meio rural tem aumentado. Considerando essa conjuntura é pertinente questionar os fatores que influenciam esse processo. A questão central deste estudo é, portanto: por que os jovens rurais do Extremo Oeste de Santa Catarina, a partir da década de 2000, parecem manifestar uma disposição para permanência no campo, contra uma tendência ainda recente de migração?

A hipótese de trabalho central aponta no sentido da melhoria da qualidade de vida no meio rural, capitaneada, sobretudo, por políticas públicas que incidiram sobre às atividades produtivas, habitação, mobilidade, acesso à saúde e educação, serviços de comunicação (telefonia, internet), entre outros. Entretanto, é plausível considerar que nessa década tanto os indicadores sociais rurais quanto urbanos tiveram melhoria. Significaria dizer que os fatores e atração da cidade (*pull*) se mantiveram



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

significativos (emprego, acesso à formação, etc.), enquanto que os fatores de repulsão do campo (*push*) parecem ter enfraquecido. Nesse caso, é possível especular que os fatores de repulsão, ao serem atenuados, interferiram mais no comportamento de permanência do que uma presumida diminuição da atração pelo meio urbano.

Essas noções e percepções tendem a informar ou construir as representações sociais de ruralidade e urbanidade. Uma ponderação entre critérios objetivos e subjetivos subsidia o processo decisório, reconstruindo o imaginário e a ideologia que se manifesta nos discursos destes atores sociais. É pertinente considerar que as transformações recentes no meio rural podem ter deixado de sustentar representações que o distanciavam do urbano. Melhor dizendo, as representações entre o conceito de rural e de urbano tornaram-se menos distanciadas, menos antagônicas. É uma relação entre a conceituação acadêmica e a apreensão direta feita pelos atores sociais.

Além disso, ao problematizar uma tendência de maior permanência de jovens no meio rural, pode-se incorrer a um embate discursivo que oscila entre o rural desejado pelos pais e outro vislumbrado pelos filhos. As relações geracionais podem ter concorrido para a afirmação de sucessores, fruto da crise já documentada a partir da década de 1970.

Por fim, a permanência de jovens considera a participação feminina. Esse comportamento pode se relacionar com as políticas públicas e a luta de empoderamento das mulheres, além de um debate sobre as questões de gênero que tem marcado mais espaço na dinâmica cotidiana das famílias. Embora seja notória a continuidade de manifestações do patriarcalismo e do machismo no campo, o seu enfrentamento pode dar lugar a arranjos de gênero menos perversos.

Em síntese, pode-se definir como hipóteses explicativas da permanência de jovens no meio rural da região Extremo Oeste de Santa Catarina: (i) melhoria da qualidade de vida no campo; (ii) imaginário de menor distanciamento entre rural e urbano, subsidiando representações qualitativas sobre a ruralidade; (iii) maior negociação geracional; (iv) embate de gênero, reorganizando a posição da mulher nos espaços rurais.

II. Marco teórico



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ao tratar de juventudes rurais há uma polissemia de temas e abordagens como a própria categoria analítica plural indica. Essas variações e diversidades são também fruto das categorizações entre rural e urbano que sustentaram as nomenclaturas de atores do chamado “mundo rural”. Nesse mundo de múltiplas faces a juventude tem aglutinado olhares perspicazes nos últimos anos. Por que os jovens do meio rural passam a configurar um arcabouço privilegiado de pesquisas?

Porque formam uma massa diversa de projetos de vida vinculados a multiplicidades de espaços e tecidos sociais. Estão vinculados não só a um novo rural, pois produzem novas percepções sobre o rural e sobre o urbano, rompendo, talvez, com essa engessada classificação dicotômica. Eles formam um grupo que contradiz expectativas, tais como a do fim do rural e demovem o rural geracionalmente datado. São novos agricultores que vão além dessa atividade, pluriativos e conectados que estão.

Há, nesse processo, uma configuração de estudos que indicam dois caminhos preponderantemente palmilhados pelos pesquisadores. Um é o pressuposto da ruptura (saída) dos jovens do meio rural, indicados, principalmente, nas pesquisas sobre a sucessão. Outro é o da permanência dos jovens no meio rural, tema que está associado a uma variedade mais complexa de questões. Embora esteja ligado à sucessão, está espraiado por inferências mais complicadas por se tratar de um comportamento não tendencial. Essa variação das bases decisórias pode estar associada a uma construção de sentidos, significados e representações polissêmicas.

O termo ruptura pode expressar melhor a questão da saída dos jovens do meio rural, haja visto que não se trata apenas de sair de um espaço para outro. Significa uma transformação no projeto de vida estabelecido por ligações que ultrapassam uma atividade de trabalho e renda, consubstanciado por relações afetivas. A noção de ruptura não expressa uma completa desvinculação, ou mesmo uma anulação de relações. Sua acepção, porém, indica uma transformação mais efetiva no sentido dos elos afetivos que se estabelecem no processo de identificação entre a realidade de trabalho e de vida. A terra representa elementos de simbolismo em um mundo circunscrito em grande medida à família e à comunidade. Há, na prática, uma tendência histórica a essa ruptura. Capitaneada principalmente a partir da década de 1970 se viu corrente e crescente até o início da década de 2000. Entre 2000 e 2010



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

o ritmo da migração de jovens demonstrou desaceleração e indicou uma maior permanência dos jovens na atividade rural (VALADARES et al., 2016).

Conforme apontam Valadares et al. (2016) a temática da permanência tem assumido papel cada vez mais relevante nas discussões sobre juventude rural. Essa dinâmica vai na contramão dos estudos que se avolumam em relação aos processos de saída dos jovens do meio rural. Essa constatação é referenciada também nas pesquisas do Elisa Guaraná de Castro (2005; 2009), que tornou claro o deslocamento epistemológico entre os que ficam e os que saem, complexificando a dicotomia rural-urbana. Os jovens que ficam ou os jovens que saem são atores sociais motivados por uma miríade de elementos e situações que tangenciam tantos elementos estruturais objetivos, quanto elementos simbólicos e subjetivos.

Há uma interpretação dual que considera a saída como opção dos mais aptos e a permanência como uma escolha forçada pela falta de perspicácia para romper com o rural e as possíveis dificuldades de vinculação com o meio urbano. Essa visão reforça a imagem do rural como lugar inferior, de dificuldade, espaço onde só permanecem os brutos, os pouco sagazes e os matutos. Essas interpretações e visões, senão totalizantes, são preponderantes e configuram uma noção geral de depreciação. Se é uma produção do imaginário, logo, os efeitos e posicionamentos dos atores são também subjetivos e tecidos numa complexa rede de sentimentos e definições.

Existe, certamente, uma tendência de urbanização que realoca populações rurais por meio da migração. O Brasil passa, inexoravelmente, por um processo de urbanização fruto ainda da expansão de áreas econômicas desvinculadas do setor primário. Além disso, o agronegócio desaloja parcelas significativas da população rural, seja por meio da modernização tecnológica, seja pela coação em direção às áreas de campesinato historicamente constituídas. Essa migração, contudo, não significa em todos os casos uma mudança positiva nos projetos de vida dos atores sociais. É possível tratar de uma tendência como parte de uma explicação, mas ela por si só não constitui a compreensão tácita sobre os fenômenos sociais. Isto é, apontar a migração rural-urbana como uma tendência não exime o analista de entender como e porque essa tendência opera, além de indicar os processos de variação que o compõem.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodologia

Como grupo de análise interessam, especificamente, os jovens que residem e que tenham ligação direta com atividades laborais e produtivas no meio rural, ainda que não integralmente. Como contraponto analítico consideraram-se também os jovens com experiências urbanas e aqueles que estiveram vinculados a ambas (jovens retornados). Esse é um pressuposto de pesquisa integrada, ampliando as experiências de vida que impactam nas amostras, nos conceitos e nas definições de grupos sociais. A tentativa é de ponderar e problematizar a separação clássica entre rural e urbano que subsidiam a categorização de juventude rural e juventude urbana.

As observações e coleta de dados empíricos referem-se à região Extremo Oeste de Santa Catarina, melhor definida pelo IBGE como microrregião de São Miguel do Oeste, totalizando 21 municípios e aproximadamente 180 mil habitantes. Esta microrregião faz parte da Mesorregião Oeste Catarinense, que se caracteriza, sobretudo, pela proeminência da agricultura de base familiar, nos minifúndios e numa herança colonial. A opção por tratá-la como *lócus* se deve a relevância que a permanência e a migração juvenil esboçam sobre as relações sociais e sobre as disposições familiares em relação ao futuro das atividades rurais.

A proposta metodológica que aqui se indica enfatiza a necessidade de compreender a dimensão simbólica da permanência de jovens rurais em relação aos jovens que migram. Os discursos e as suas representações de urbanidade e ruralidade são o ponto central de análise. Dessa forma, propõe-se um arcabouço metodológico variado, com prevalência abordagem qualitativa para dar conta de elementos notadamente subjetivos e também com dados quantitativos para basilar e clarear a compreensão da problemática. Nesse sentido, a coleta de dados se organiza por meio de questionários, entrevistas e abordagem etnográfica.

IV. Análise e discussão de dados

No caso em estudo, a migração de jovens obedece aos processos de liberação de mão de obra iniciada em finais da década de 1970. Esse processo tem relação com a modernização agrícola. Várias



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

famílias ainda mantiveram sua dinâmica de reprodução até o final da década de 1980, considerando aí o marco efetivo para a derrocada das atividades de subsistência como aparato de sustentação de famílias adensadas.

Em meados da década de 1990 ocorreu um afluxo de migração familiar, isto é, o abandono da atividade rural pelo grupo familiar como um todo. Suas propriedades foram incorporadas por unidades mais aquinhoadas ou serviram para alocação de novos agricultores, nomeadamente jovens oriundos de famílias em melhores condições financeiras.

Na região Extremo Oeste catarinense vigorava uma espécie de dever moral de manter os filhos na atividade rural. As famílias faziam sacrifícios para adquirir novos lotes e permitir uma continuidade geracional do colonato. Isso se alterou quanto as dificuldades de reprodução familiar na agricultura se agudizaram. Boa parte dos filhos passaram a migrar para o meio urbano das pequenas cidades regionais.

Num exemplo geracional da organização colonial é possível definir a primeira geração de colonos como migrantes; a segunda geração como agricultores fixos e a terceira geração é entendida como de novos migrantes. Estes últimos fazem a migração rural-urbana e não mais rural-rural. Há uma dupla representação da migração do rural para o urbano. Uma delas é associada como um processo que envolve o aumento da pobreza. Noutra, ao contrário, é oportunidade de aumento da riqueza. É difícil definir se os migrantes melhoram ou pioram sua condição. Provavelmente em relação aos critérios objetivos há melhorias, no entanto, no sentido da qualidade de vida, talvez outras variáveis possam ser discutidas. Em algum sentido as “fugas” do ambiente rural expressam uma exclusão social recorrente, seja econômica, seja pela condição geracional, de gênero, etc. Exemplo dado por Renk (1999), é a quantidade significativa de jovens rurais que se tornam professores. A docência se torna uma opção financeira viável, dado o menor custo que a formação impõe.

É premente compreender quem migra e quem fica. Em geral migram jovens de variadas condições sociais. Tanto os que possuem restrições econômicas, quanto aqueles que possuem pujança de renda. Se há essa variação, a tese das representações faz mais sentido e desloca os chamados critérios objetivos da tomada de decisão. Para alguns é a falta de condições. Para outros pode significar libertação.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Exemplo paradigmático é o da migração para prestação de serviços gastronômicos no Sudeste do país. Muitos jovens migraram para trabalhar em churrascarias de São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente no período de 1995-2005. Havia, como aponta Renk (1999), uma reserva de mercado nesses estabelecimentos para jovens do Sul. Seriam os funcionários ideais, já que não manifestavam contrariedade em relação as longas jornadas e mantinham um comportamento de submissão, como corpos docilizados (FOUCAULT, 1999). Essa percepção pode ser aproximada mais como uma variação da auto exploração, indicada por Chayanov (1974), em relação a mentalidade camponesa.

O processo de decalagem de muitos jovens em relação ao mundo rural está associado a muitos fatores. A renda é o principal argumento acionado, embora não explique, por si só essa assincronia. Os ultimogênitos, porém, muitas vezes recebem o peso da perspectiva da permanência como um dever moral. É o aspecto da permanência analisada como oportunidade geracional, mas também como fatalidade. Quando não há sucessão negociada, a tendência é que as famílias, neste caso representadas pelos pais já idosos, abandonem o campo para se aproximarem dos filhos no meio urbano. A aposentadoria significa, prioritariamente para as mulheres, uma libertação.

Na região Extremo Oeste de Santa Catarina, os jovens parecem manifestar um conjunto de representações que os vinculam ao *ethos* rural impresso pelo processo de colonização. Isso infere sua ligação aos estratagemas históricos, étnicos e geracionais. Ao saírem do meio rural estariam rompendo com esse conteúdo heurístico. Porém, a migração intrarregional, isto é, sair do meio rural para residir na sede de seu município – ou da região – não representa de fato uma ruptura. Tende a reforçar uma tentativa diferencial de permanência, na qual sua conexão com o rural é prolongada, ainda que se torne matizada pela pluriatividade. Quando migra para centros urbanos distantes é que a ruptura é efetivada. Nesse sentido, é importe compreender a espacialidade desses deslocamentos.

De acordo com Valadares et al. (2016) os dados do censo de 2010 indicam que ocorreu um aumento no percentual de permanência no campo. A explicação desse processo vem das melhorias gerais que se desenrolaram no meio rural, além das políticas públicas que atenderam demandas especificamente do público jovem. Essas políticas são fruto da mobilização e da organização da juventude e da juventude rural como categorias sociais e políticas. A expressão mais palpável dessas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

políticas se revela na melhoria dos níveis de acesso e consumo alcançados pelas populações rurais, principalmente em relação a serviços básicos.

É complexo definir esses processos decisórios com base numa percepção linear e binária. Não existem apenas duas opções, embora que se reduzirmos os paralelos acabam restando duas proposições iniciais, que por outros caminhos podem se intercambiar, vide os novos arranjos produtivos. De toda forma, essa não parece ser a opinião de Valadares et al.

A compreensão desse fenômeno delineia uma agenda de pesquisa rica. Se algo já nos parece claro, entretanto, é que a decisão entre ficar e sair do campo não pode ser compreendida como uma decisão privada, resultado da subjetividade dos sujeitos. As decisões são conformadas em contextos específicos, que podem ser radicalmente alterados pelos instrumentos de políticas públicas. (VALADARES et al., 2016, p. 71).

Nesse sentido discorda-se dos autores, pois as percepções sobre as dinâmicas sociais objetivas também são variadas e tecidas conforme uma miríade de relações, representações e significados estabelecidos pelos sujeitos. Não se trata de dizer que tomam a decisão tomando como referência o *self*, unicamente, mas compõem essa decisão de dados que os chegam e são interpretados de maneiras variadas. Sem dúvidas as políticas públicas e as condições objetivas de vida no campo são preponderantes, mas passam também por essa dinâmica de análise de cada indivíduo. Com isso não se está apontando uma característica individualista das decisões, mas seu caráter de diversidade e variação numa mesma amostra de análise. Essas questões poderão ser melhor analisadas em amostras de campo que estão em curso no arcabouço desse estudo.

V. Conclusões

Os resultados de pesquisa são ainda preliminares e provisórios. Os dados iniciais sugerem que os jovens que manifestam intenção de permanência expressam um conjunto de representações de um rural mais conectado, mais próximo de algumas experiências urbanas, apostando na modernização, no acesso e na circularidade de experiências sociais. Em síntese, esses jovens tencionam a diferença



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

clássica entre rural e urbana. A diferença, ainda fortemente apontada nos discursos, se reserva as dinâmicas de trabalho, mas que não os colocam num mundo apartado da realidade global.

Há um pessimismo referente ao meio rural, prioritariamente quanto as oscilações e aos baixos preços dos produtos que oferecem e ao alto custo daqueles que demandam. Todavia, existe um otimismo quando a viabilidade e as projeções de seus projetos de vida no meio rural. A maior parte manifesta satisfação e realização pessoal com suas escolhas de permanência.

Em geral são jovens que tiveram a sucessão negociada ou jovens que acessaram o crédito fundiário para organizar suas próprias unidades produtivas. Alguns pais, para potencializar e mesmo efetivar a sucessão, se retiram paulatinamente da gestão da unidade produtiva familiar em favor dos filhos. São na maioria rapazes que se tornam os administradores dos negócios da família, enquanto os pais, já aposentados, se mantêm em relativa distância. Isso não evita os conflitos geracionais, potencializados pelos conflitos de gênero, quando a sucessora é a filha. Essa tensão entre paradigmas e modos de vida é diminuída entre as famílias que negociam e dialogam mais os processos decisórios. Onde a autonomia dos jovens e das mulheres permanece restrita, a potencialidade de sucessão diminui drasticamente. É um processo também consubstanciado pelo imaginário, pela ideologia e pelas representações.

VI. Bibliografia

CASTRO, E. G. *Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, 2005.

CASTRO, E. G., et al. *Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político*. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

CHAYANOV, A. V. *La organización de la unidad económica campesina*. Buenos Aires: Nuevas Visión, 1974.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Petrópolis, Vozes, 1999.

RENK, A. *Migrações: de ontem e de hoje*. Chapecó: Grifos, 1999.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VALADARES, A. A. et al. Os significados da permanência no campo: vozes da juventude rural organizada. In: SILVA, E. R. A.; BOTELHO, R. U. (Orgs.). *Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas*. Brasília: Ipea, 2016. p. 59-94.